



A JUVENTUDE E O BULLYING

Sofrer ameaças, intimidações, violência física e psicológica cotidianamente, ficar em silêncio e não poder se defender: essa é ou já foi a vida de quase metade dos jovens e crianças do mundo dentro das escolas, segundo a ONU.

Como nós deixamos esses dados se tornarem realidade? O Bullying, na verdade, é algo difícil de ser diagnosticado. A diferença entre piadas e brincadeiras e atos reais de intimidação pode ser tênue e muitas vezes nem mesmo o praticante tem conhecimento da gravidade de suas ações. Além disso, a maioria das vítimas não relatam suas experiências. Não por tolerância, mas por medo e falta de um ambiente onde possam se abrir sobre o assunto. E as testemunhas, que quase sempre existem, não se manifestam; ou por concordarem com as atitudes praticadas, ou por temerem se tornar a próxima pessoa perseguida.

A razão disso estar significativamente presente nas escolas é fato do bullying ser uma ação sistemática, ou seja, quem o pratica está reproduzindo comportamentos que condizem com os padrões enraizados na sociedade. É possível perceber que a vítima quase sempre quebra alguma expectativa social, provocando uma aversão por parte do agressor, que se sente na obrigação de impor seus valores em forma de xingamentos, piadas ofensas e agressões.

No entanto, enquanto muito é falado sobre o tema, pouco é feito sobre o mesmo. Muitas escolas deixam o problema de lado, já outros tomam medidas ineficazes, punir um aluno com uma advertência ou até mesmo uma suspensão, não adianta, visto que isso não mudará seu sentimento nem o contexto por trás dele. Sanando o problema apenas por um curto período de tempo, até que volte a se repetir.

A solução ideal, porém utópica, seria cortar o mal pela raiz, ou seja, acabar com os preconceitos propagados por séculos pela nossa sociedade, fazendo com que ninguém fosse considerado diferente. Como isso ainda não é possível, é necessário trabalhar a empatia com nossas crianças e adolescentes e torna-los imunes aos ideias de exclusão ao qual serão expostos. Realizando o mesmo por meio de palestras e em um ambiente escolar propício ao pensamento crítico. Dessa forma, criamos jovens que deixarão de banalizar o mal e passarão a aboli-lo.

Maria Paula Costa Saraiva